

A INFORMAÇÃO NA MÚSICA IMPRESSA: ELEMENTOS PARA ANÁLISE DOCUMENTAL E REPRESENTAÇÃO DE CONTEÚDOS

Hugo Carlos Cavalcanti
Maria Auxiliadora Carvalho

Resumo:

Sugere elementos de representação temática em partituras musicais a fim de melhorar o processo de recuperação da informação. Parte-se do pressuposto de que a Musicologia oferece aspectos representativos da obra musical que necessitam ser sistematizados e apreendidos pelo profissional da informação. Ao tratar a música como linguagem não-textual, foram estabelecidos estratégias de descrição de assunto em partituras, com amparo em elementos básicos no âmbito da Musicologia. Ademais, correlacionou-se o resultado de pesquisa bibliográfica com usuários especializados, apreendendo-se o modo como a comunidade musical lê a informação. Nessa perspectiva, conjugou-se uma reflexão do objeto de estudo (música) junto à Ciência da Informação no tocante à comunicação e representação da informação.

Palavras-chave:

Tratamento da informação; Organização da informação; Análise de assunto; Indexação; Partituras; Obra musical; Musicologia

INFORMATION ON SHEET MUSIC: ELEMENTS FOR DOCUMENT ANALYSIS AND INDEXING

Abstract:

It is suggested thematic elements in music scores in order to improve the process of information retrieval. It starts from the assumption that the Musicology offers representative aspects of the musical work that needs to be systematized and understood by the information professional. Facing music scores as a non-textual language, strategies were established to describe their subjects, supported by Musicology's basic elements. Furthermore, the literature search results and specialized users were correlated, *apprehending, this way*, how the musician community read their information. From this perspective, it has combined a reflection of the object of study (music) with the Information Science in regards to communication and representation of information.

Keywords:

Information treatment; Information organization; Subject analysis; Indexing; Sheet music; Musical work; Musicology

1 INTRODUÇÃO

“Toda Arte é uma significação do desconhecido. E de todas elas a mais íntima do homem, mais sua amiga, porque lhe fala sem que seja necessário entendimento lógico, é a Música” (FIGUEIREDO, 1942, p.18)

A pesquisa na área musicológica é objeto de antiga discussão entre os profissionais da informação. Os catálogos bibliográficos não comportam, muitas vezes, uma linguagem de indexação que reflita os interesses e necessidades do usuário para pesquisa. Acredita-se não haver ainda um tratamento conceitual adequado à representação temática da música impressa de maneira satisfatória para fins de recuperação da informação. Conforme muito bem expressa Faria (2009, p.85):

não há produção científica em grande escala no país sobre como as orquestras tratam sua documentação musical no dia a dia, campo igualmente rico em material, que tem sido pouco explorado em termos de pesquisa e sistematização.

Em muitos acervos especializados de música impressa, o tratamento da documentação musical é realizado de maneira insatisfatória, ficando a organização e representação da informação em partituras na informalidade entre usuários e bibliotecários. Isto é um reflexo de uma precária análise documental em música para representação de conteúdos, problema semelhante que ocorre com alguns outros materiais de arquivo multimeios.

Como conseqüência, há dois sujeitos prejudicados por essa falta de planejamento e ação bibliotecária: o diletante que busca a apreciação musical e a comunidade de pesquisadores e alunos de música que necessitam da informação apresentada de acordo com a leitura que os mesmos têm da obra musical. Não cabe relegar o acervo de partituras sob o estigma da coleção especial ou não-texto, encerrando-lhes uma rotulagem frívola e distante.

O presente artigo propõe elementos para análise e representação temática de partituras, de modo a extrair conceitos em linguagens de indexação. Nesse contexto, pretendeu-se desenvolver uma abordagem teórica da metalinguagem musical projetada na partitura, propondo uma análise conceitual a partir da leitura documentária amparada por elementos da Musicologia.

2 A REPRESENTAÇÃO DA OBRA MUSICAL

Toda ciência é formada por meio de suas estruturas informacionais que lhe dão suporte epistemológico, um conjunto de conceitos de um campo do saber. Comportando elementos de significação, a informação é transmitida por meio da mensagem de modo a torná-la inteligível. Estes elementos significantes transcendem ao signo e a sua posterior decodificação. Neles, trafegam dados da comunicação com destino a um receptor que deve distingui-los do mundo exterior. Para McGarry (1999) a informação é o conteúdo apreendido na troca de experiências com o mundo exterior, ajustando-o em nossas coordenadas sociais. Nesse sentido, a obra musical absorve a realidade externa (o mundo sensorial) no momento em que o compositor emprega esta informação por meio da composição.

O processo de comunicação se estabelece mediante uma mensagem. Esta última carrega enunciados informativos, agindo como um veículo. Desse modo, McGarry (1999) classifica três veículos no processo de transmissão da informação: os sinais; os signos e os símbolos. Segundo o autor, os signos e símbolos são muitas vezes intercambiáveis, representando grupos sociais que armazenam uma cultura registrada. Uma vez abstraído do entendimento cognitivo, converte-se idéias em objetos, registrando a informação.

A música abrange níveis de comunicação não-verbais. Martinez (2003) explica que a simbologia da metalinguagem musical implica na sua representação icônica, caracterizando-se por fazer interagir um signo (e seu conjunto referencial) com outros signos próprios da composição. A simbologia icônica expressa uma semelhança sensorial com aquilo que representa, no caso da partitura musical, o ideal criativo do compositor. Este potencial criador ocorre por meio do fazer artístico através do trabalho racional, sobretudo inspirativo. Aqui a informação sensorial da mente do autor molda-se em um formato simbólico-notacional. A obra musical é, portanto, a representação simbólica de um imaginário sonoro, fruto da inspiração pessoal do artista, influenciado pelo mundo sensorial que o cerca: o "texto" musical é decodificado por regras convencionais da ciência musical. Regras estas que, através dos músicos (ou "comunidade lingüística" como assim chamou McGarry) munidos de seus instrumentos, tornam-se o veículo de transmissão da mensagem musical.

Monteiro (1999, p. 46) define a obra musical como o "produto de atividades psíquicas e físicas de um músico - o compositor - que terminam logo após a sua notação ou execução imediata." O resultado do processo de criação e síntese do pensamento musical caracteriza, ao final, a obra musical, pois ela "realiza-se e atualiza-se, nas suas diversas execuções e audições transformando-se então em música." (MONTEIRO, 1999, p. 46). Segundo o autor, antes dessa transformação "a obra não é música, não é uma coisa real com propriedades determinadas independentemente da sua percepção, mas algo virtual e intencional."

Na ânsia de comunicar seu pensamento e preservar sua linguagem, o homem sentiu a necessidade de registrar de algum modo suas idéias. O mesmo deu-se com a música, que passou por gradativos processos de notação até atingir o formato estabelecido como mais adequado às necessidades do homem contemporâneo. Nesse sentido, Candé (2001) afirma que a necessidade de singularizar a partitura como um feito artístico e individual estabeleceu o conceito da obra musical em nossa civilização. Tais transformações foram movidas pelo espírito funcional da música em cada época e pela evolução da ação musical em favor da sua complexidade estrutural.

3 DOCUMENTAÇÃO MUSICAL E TRATAMENTO TEMÁTICO

A Ciência da Informação interage com outros ramos do saber ao trabalhar a informação em seus mais variados contextos, não apenas entre o leitor e o comunicador, mas também com a arte e cultura nos âmbitos de organização e uso da informação. Faria (2009) descreve a necessidade de pesquisa e sistematização no tratamento da documentação musical brasileira a fim de preservar o patrimônio musical nacional, permitindo a redescoberta e difusão de obras de compositores, socializando seu uso e gerando novos conhecimentos. Nas últimas décadas, notam-se alguns esforços no estudo do tratamento da informação musical no ambiente digital para fins de recuperação da informação, a exemplo de autores como S. Downie (2003) e Smiraglia (2001). Todavia, sobre o tratamento da informação em partituras, ainda não há disponível uma reflexão profunda na literatura da Ciência da Informação, ausência esta sentida durante a revisão bibliográfica para elaboração da fundamentação teórica deste trabalho. Esta lacuna demonstra uma necessidade a ser suprida, particularmente no suporte às atuais pesquisas históricas no âmbito da musicologia brasileira. Semelhante constatação recai no

tratamento temático aplicado à música impressa que carece de uma linguagem documentária que expresse elementos constitutivos à sua representação conceitual, urgindo a necessidade de uma base teórica comum para o tratamento de partituras mais adequado nas orquestras e centros documentais (FARIA, 2009).

Nos escassos trabalhos nacionais que permeiam o tema, os autores Strehl (1998) e Cardoso (1996) evidenciam a necessidade de estabelecer políticas de indexação e métodos de organização e representação da informação em documentos de cunho artístico, referindo-se também a partituras musicais. Segundo Assunção (*apud* FARIA, 2009) a documentação musical não possui um conteúdo que pode ser facilmente expresso por palavras. Sendo a arte musical abstrata, torna-se difícil representá-la em sistemas de classificação e em habituais linguagens de indexação. Nesse contexto, Faria (2009) adverte que bibliotecários e arquivistas geralmente não possuem conhecimento musical suficiente para atender às necessidades informacionais dos músicos e regentes e estes, de modo geral, desconhecem técnicas e padrões biblioteconômicos ou arquivísticos estabelecidos de tratamento documental. Entretanto, o autor justifica que não músicos podem realizar um bom trabalho no trato documental de partituras, desde que instruídos. A dificuldade do profissional da informação ao trabalhar com a especificidade da linguagem musical parte da compreensão dos significantes de sua simbologia com o universo musical, uma vez que:

[...] enquanto desconhecemos a materialidade da música e, sobretudo, não a vivenciamos enquanto materialidade torna-se impossível ter noção do processo de criação musical porque ele é um problema de linguagem musical. Não sabemos o que em realidade significa "imaginar musicalmente" (OSTROWER, 2008, p. 30 *apud* FARIA, 2009, p.86).

A musicologia auxilia nesse contexto interdisciplinar ao apontar os aspectos da estética analítica da composição musical e suas representações sociais. Nesse sentido, Cotta (2000, p. 29 *apud* MATOS, 2007, p. 44) afirma que:

a Musicologia e a Ciência da Informação têm como intersecção o tratamento da informação que afeta o trabalho do musicólogo. Talvez algo que se possa denominar informação musicológica. Esta não se limita apenas às informações técnicas musicais, mas também ao “em torno”, às informações disponíveis para uma compreensão mais global dos fenômenos sociais que se relacionam à música – uma forma de objetivação particular.

Há, portanto, uma linha tênue entre a musicologia e o tratamento da informação musical. Este último não é limitado aos elementos teórico-musicais, sofrendo influência direta através da compreensão das representações musicais e o papel da informação na sociedade. Daí a alusão à Ciência da Informação como ferramenta de apoio à informação musicológica: através dela, pode-se estudar o contexto em que se encontra a informação em determinada obra musical e como a mesma pode interagir nas diversas abordagens do estudo musical, ampliando seu uso social.

3.1 A problemática na análise de assunto em partituras

Nas leituras realizadas, as publicações acerca da análise de assunto se restringem aos tradicionais procedimentos adotados no tratamento temático de documentos bibliográficos, não se voltando especificamente para materiais multimeio. A análise documentária (ou de assunto) é a prática que antecede a tradução de conceitos extraídos do documento em uma terminologia controlada para fins de indexação, tendo como objetivo a identificação e a seleção de conceitos por meio da leitura documental. A seleção de conceitos, sob o aspecto do conteúdo e da interpretação direcionada ao usuário, delega-nos a figura do indexador como leitor, pois "a análise orientada para o conteúdo pressupõe a explicitação do significado do texto, uma situação que não se resolve sem que haja compreensão de leitura." (FUJITA, 2003). O processo de síntese comporta a condensação do assunto por meio de um conjunto de termos eleitos que, amparados por uma linguagem de indexação, torna possível a produção de índices e resumos, representando o documento ao final. Trata-se, portanto, de um processo de natureza analítico-sintética. Identificar conceitos implica no livre exame do documento. Na literatura biblioteconômica direcionada ao tema, são deferidas duas etapas fundamentais no processo de análise documentária: 1- a análise e identificação dos conceitos alusivos à natureza do documento e 2- a síntese e condensação dos assuntos, desdobrando-se na indexação e no controle terminológico, finalizando a representação temática do documento.

Por se tratar de material não-textual, ou que pelo menos o texto propriamente dito não integre o seu todo, torna-se difícil ao indexador ou analista extrair conceitos da partitura para sua representação. Infelizmente, as poucas fontes descritivas (textuais) da partitura podem não aprofundar muito a identificação temática da obra musical. Muito do que está

implícito por meio da simbologia notacional não é apercebido ou compreendido pelo indexador na análise conceitual. Como consequência, este processo analítico-documental tende a falhar na primeira etapa da análise documentária, pois conforme dito anteriormente, a tradicional leitura técnica bibliográfica aplicada ao documento musical não faz sentido em virtude da natureza da representação musical. Por isto mesmo, na busca por minimizar este efeito negativo no tratamento da obra musical impressa, procurou-se apoio no estudo de componentes da musicologia e a inquirição a usuários especializados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizou-se uma pesquisa de objetivo exploratório no período de fevereiro a maio do ano de 2010 na cidade do Recife. Delimitou-se pela música em seu suporte impresso, ou partitura, abrangendo obras de cunho didático, instrumental, vocal, de formação camerística e sinfônica, no universo da chamada música de concerto, sinfônica, clássica ou erudita. Inicialmente, um procedimento técnico-bibliográfico na busca de trabalhos interdisciplinares sobre o tema focado. Recorreu-se a fontes bibliográficas de material publicado que já receberam tratamento analítico na Musicologia, tais como dicionários especializados, documentos de lexicografia musical, história da música, análise semiótica, artigos, teses e dissertações. Analisou-se a literatura musical dos autores Massin (1997), Candé (2001), Zampronha (2000), Bennett (1986a), Zamacois (1997), Sadie (1997) e Wisnik (2009) a fim de nortear elementos teórico-musicais pertinentes à composição e identificação conceitual da obra musical no âmbito da teoria da informação. Estes elementos foram utilizados como base para análise e representação conceitual da simbologia expressa na música impressa.

Desse modo, utilizaram-se autores da Ciência da Informação como McGarry (1999), Fujita (2003), Dias (2007), Recine e Macambyra (2007), Pazin (1993) e Perota (1997) conjugando uma relação entre a temática musical e os processos de comunicação e tratamento da informação. Tendo em vista o enfoque interdisciplinar deste trabalho, tornou-se imprescindível, além da revisão bibliográfica, a consulta a usuários e profissionais musicólogos.

A análise conceitual de música impressa aqui proposta ancorou-se em dois princípios gerais: 1 - análise básica estrutural da música orientada por livros de Musicologia e 2- a visão do usuário especializado no interesse a aspectos pessoais e musicais que merecem representação no enfoque analítico de partituras. A pesquisa desenvolveu-se em duas etapas:

1ª etapa: Pesquisa bibliográfica sobre o tema realizada em acervo pessoal, bibliotecas universitárias e artigos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), identificando o estado atual em que se encontra o tratamento temático de partituras e a produção científica a ela devotada.

2ª etapa: Execução da pesquisa de campo com uso de entrevistas semi-estruturadas com professores e regentes do Departamento de Música Sacra do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil e alunos de graduação do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco. A consulta a usuários buscou esclarecer algumas particularidades na identificação de elementos representativos da análise musical em música impressa, além das necessidades de informação desse público no suporte à prática musical ou estudos teórico-musicais.

5 PROPOSTA DE UMA ANÁLISE CONCEITUAL PARA LEITURA DOCUMENTÁRIA EM PARTITURAS

A literatura devotada à didática musical não especifica uma categoria de "assunto" contida em uma obra musical, uma vez que tal conceito é impraticável em música em virtude da representação notacional da partitura. Contudo, evidenciaram-se alguns elementos estilísticos e estruturais característicos de uma composição. Tais elementos podem ser extraídos da partitura como forma de condensação do conteúdo ali representado, entretanto, não estão sempre visivelmente redigidos na partitura, uma vez que são produtos da análise musical.

Alguns autores revisados afirmam a extrema subjetividade da indexação no trato documental da partitura em virtude de sua natureza não bibliográfica e não textual, cuja complexidade quando identifica características e estruturas musicais pertinentes ao movimento estilístico da obra, suscitam discussões em torno da conceituação e identificação exata das formas e estruturas musicais, inclusive entre músicos e pesquisadores. Todavia, deve-se ter em mente que tais elementos são termos

consolidados pela Musicologia, e, portanto, referem-se à maneira como a comunidade musical lê e dialoga a sua informação.

O resultado da pesquisa bibliográfica juntamente com a pesquisa de campo realizada com usuários especializados, apontou alguns elementos da composição e da sua estrutura musical característicos da identidade da obra musical, conforme apresentados na seqüência que se segue abaixo:

5.1 Gêneros musicais

Na perspectiva da musicologia, a forma é ligada à análise musical, compreendendo a articulação de unidades funcionais dentro de um sistema hierárquico composicional. A linguagem musical apresenta elementos que a organizam de maneira sistemática através do solfejo, estruturas modais e tonais, ritmo e dinâmica. De todos eles, a música retira as formas que lhes são próprias com a finalidade de dar sentido e relações entre as idéias musicais, conforme afirma Massin (1997, p. 63). Bennett (1986a) esclarece que a forma é a descrição de como o compositor coloca as idéias musicais em ordem, projetando-a através da notação.

Para fins de tratamento bibliográfico, detêm-se na acepção conferida por Cotta (1998) ao afirmar que a forma musical é "a estrutura de composição seguida ou criada pelo compositor para desenvolver uma obra" (p.155). Afirma o autor a extrema importância no conhecimento das formas musicais pelo indexador em virtude de sua "característica fundamental para o tratamento bibliográfico dos diversos produtos musicais" (p.156). A forma musical está intrínseca nas técnicas de composição do autor da obra, cuja influência estilística é caracterizada por cada período da história da música. Alguns exemplos são o concerto, a sonata, a sinfonia entre outros. A identificação de gêneros e formas musicais exige antes de tudo pesquisa por parte do bibliotecário, ficando impossível exemplificar aqui todos os elementos passíveis de representação. Para o esclarecimento mais detalhado das formas musicais, e suas manifestações mais comuns, indicamos consultar a obra de Massin (1997), Bennett (1986a) e Rosen (1987) e Zamacois (1997).

Conforme explicita Zamacois (1997) citado por Matos (2007, p.50) e Cotta (1998, p.156) o gênero musical dialoga junto à forma musical, contendo significados de estilos musicais

opostos, algo como uma característica intrínseca à própria concordância da música (a exemplo da música sacra/profana, vocal/instrumental, etc. conforme exemplifica Cotta, 1998, p.156). Uma maior explanação deste conceito pode ser verificado no trabalho de Matos (2007). É comumente representado no título e na instrumentação utilizada. Algumas delas são típicas de períodos históricos, referenciando segmentos (música de igreja, danças populares, teatro) e escolas de composição, conquistando os favores e gostos do grande público até os dias atuais. Cotta (1998) afirma que as mais variadas denominações musicais, ao se estabelecerem como grupos autônomos e característicos, opõem-se uns aos outros, a exemplo de música profana e sacra ou música programática e absoluta. Orienta o autor que o indexador deve estar atento à localização da forma histórica junto aos seus elementos estilísticos, informando sempre que possível o(s) gênero(s) mais utilizado(s).

5.2 Autoria

Elemento descritivo extraído da identificação na folha de rosto ou cabeçalho da partitura. Segundo o Código de Catalogação Anglo-Americano em sua segunda edição (CCAA2), o compositor (que recebe o ponto de acesso principal) é o autor da obra por ele criada (R.21.1A1). Outros sujeitos (pontos de acesso secundário) podem ser relevantes na indexação. Para autoria deve-se considerar o período, desdobrando-se em estilos e características particulares de cada compositor em confluência com a época em que o mesmo viveu. O nome do compositor já nos indica paralelamente o período e prováveis características ou estilos que a obra contém ou representa. Bennett (1986b) define o estilo musical como a maneira pela qual o compositor utiliza os elementos básicos da música em suas obras. Os estilos musicais influenciam os movimentos históricos, sobrepondo-se uns aos outros ou mesmo retomando elementos anteriores em nova linguagem estética.

5.3 Título

Elemento descritivo extraído da leitura na folha de rosto ou cabeçalho da partitura, o título da obra pode indicar a forma e o gênero a que a mesma pertence. Pode ocorrer a nomenclatura de subtítulo ou termos genéricos no caso de palavras em línguas diferentes, contudo, possuem o mesmo significado. Conforme Bryant (*apud* COTTA, 1998) não há uma padronização de informações nas partituras musicais, pois a página-título não

oferece informações relevantes para sua identificação, sendo necessária a visualização da folha de rosto ou da página inicial da obra para "leitura técnica".

5.4 Tipologia da partitura

Sadie (1997, p. 702) define a partitura como "forma de música escrita ou impressa que abriga todo um conjunto de elementos da notação musical, de maneira a representar visualmente a coordenação musical, garantindo com maior ou menor precisão a sua execução". A informação da tipologia pode ser redigida na capa ou folha de rosto. Caso contrário, sua classificação provém da visualização da disposição dos instrumentos no pentagrama musical ou do emprego da instrumentação utilizada. Segundo o autor, a depender do tipo de obra e escolha da forma de execução, temos tradicionalmente cinco formatos de publicação:

- Partitura regente (*“full score”*): significa uma partitura para orquestra contendo detalhes completos de uma obra, a visualização imediata de todos os instrumentos selecionados pelo compositor para execução da obra;
- Partitura miniatura (*“miniature score”*): trata-se de uma partitura impressa, em formato de bolso, para uso individual;
- Partitura aberta: mostra cada parte de uma composição (geralmente polifônica) em uma pauta separada;
- Redução para piano: é um arranjo para piano de uma composição para um conjunto de instrumentos; o termo também pode ser usado como sinônimo “partitura de canto e piano” em que as partes vocais constam na íntegra, mais o acompanhamento instrumental para piano (ou órgão) comercialmente conhecido por *“piano and vocal score”*;
- Partitura condensada: é aquela em que algumas das linhas instrumentais ou vocais dividem o mesmo pentagrama. A expressão “partitura de estudo” pode ser sinônima de partitura “miniatura”, ou pode significar uma partitura “in-octavo” e
- Partitura individual ou parte separada: contém a pauta do instrumento ou voz separada do conjunto musical.

5.5 Instrumentação

Na pesquisa com usuários, evidenciou-se a importância do meio de expressão característico da música: a instrumentação utilizada em determinada obra musical que atenda ao interesse de estudo instrumental ou curiosidade do usuário especializado ou dileitante. Em muitos casos, mesclaram-se a descrição do título + autor + meio de expressão ou autor + meio de expressão. Ex.: "Sonata para violino e piano de Johannes Brahms" ou mais especificamente "obras de Johannes Brahms compostas para violino solo" (a questão aqui enunciada engloba sonatas, concerto, ou música de câmara onde o instrumento desempenha papel solista na escrita musical do conjunto).

A classificação dos instrumentos musicais, segundo Sadie (1997, p. 455) foi criada em 1914 por Hornbostel e Sachs, alcançando aceitação e abrangência internacional, cujo uso do Sistema Decimal de Dewey já preconizava o papel não-verbal dos símbolos nos anos futuros. Aqui a divisão ocorre pelas características físicas da produção do som, permanecendo quatro categorias:

- Idiofones (o corpo elástico quando posto em vibração produz o som);
- Membrafones (instrumentos de membrana);
- Cordofones (ou cordas) e
- Aerofones (ou sopros)

- Cordas:	- Sopro:	- Percussão
1 - Friccionadas.	1 - Madeiras	1 - Som determinado
2 - Dedilhadas.	1.1 - Embocadura livre	2 - Som indeterminado
3 - Tangidos	1.2 - Palheta dupla	
4 - Percutidas	2 - Metais	
	2.1 - Palheta simples	
	2.2 - Bocal	

Para uma compreensão mais profunda na classificação de instrumentos, recomenda-se a leitura de livros na área de organologia musical.

5.6 Catálogo temático/cronológico de compositores

O catálogo temático de autores, embora negligenciado por alguns usuários, foi lembrado por muitos docentes como de suma importância para organização temática e/ou cronológica da obra de um compositor, em alguns casos, acrescentando-se a informação da tonalidade principal da peça. Ex.: George Gershwin: Concerto para piano em "Fá" (tonalidade de Fá maior). O número do *Opus* ("obra" em latim) ordena numericamente as obras do compositor, podendo haver outras numerações de catálogos específicos de pesquisadores históricos. Ex.: *Köchel* (Kv.), nome do famoso compilador e pesquisador Ludwig von Köchel, responsável pela listagem cronológica das obras de Wolfgang Amadeus Mozart. *Bach-Werke-Verzeichnis* (BWV) ou literalmente "catálogo de obras de Bach", trata-se do catálogo temático definido por Wolfgang Schmieder como forma padrão de numerar as obras do compositor Johann Sebastian Bach. Embora seja uma informação mais específica a ser requisitada pelo usuário, é imprescindível para organização temática de uma coleção, permitindo agrupar por gêneros, concertos, obras de circunstância, sacra, profana, etc.

6 A PRÁTICA DA INDEXAÇÃO EM PARTITURAS

Na documentação, a atribuição de termos tem por finalidade representar a temacidade do documento, podendo abranger seu conteúdo de forma integral, levando-se em consideração as diferentes facetas que formam sua estrutura (indexação exaustiva). A necessidade de padronizar termos no uso de uma linguagem artificial ou construída trouxe à tona os vocabulários controlados, instrumentos utilizados na segunda etapa do processo de indexação, no qual o indexador traduz os conceitos extraídos dos documentos para a linguagem utilizada no sistema de informação. Habitualmente, têm-se três tipos principais de vocabulários controlados: os Esquemas de Classificação Bibliográfica; as Listas de Cabeçalhos de Assuntos e os Tesouros.

Na ausência de um vocabulário controlado específico para indexação de música, opta-se na maioria das bibliotecas por uso de termos livres ou cabeçalhos de assunto. Conforme é sabido, os cabeçalhos de assunto são palavras sob os quais livros e outros materiais são representados. Ao fim deste capítulo e em conformidade com as leituras realizadas, optou-se pelo uso de assuntos compostos invertidos (com traço) em que as entradas correspondem as palavras mais significativas. Cada elemento do cabeçalho de assunto presente nos exemplos se constitui numa unidade independente, representando um aspecto, um processo, período musical, estrutura ou demais particularidades da obra representada.

O Cabeçalho de Assunto configura-se de uma ordem na seqüência dos elementos. Adotou-se a organização da informação da música vocal antecedendo a música instrumental, explicitando a periodização da obra conforme recomendado por Pazin (1993). Respalhando-se nas análises estruturais da música, segundo a ótica de Bennet (1986a), procedeu-se a identificação das principais formas e gêneros musicais no processo de representação conceitual das partituras escolhidas nos exemplos. Em acordo com as especificações de Recine e Macambyra (2007) no tocante à tradução de títulos em língua estrangeira, os exemplos seguem as recomendações especificadas, embora se julgue necessário a permanência do título original, pois muitas obras musicais detiveram-se no gosto popular pelo nome original nas quais foram concebidas. Igualmente exposto por Perota (1997) indexou-se aqui o catálogo temático e cronológico da obra dos compositores.

Os demais elementos utilizados nas exemplificações valeram-se dos resultados da pesquisa de campo com usuários especializados de música. Todas as informações contidas na folha de rosto serviram como ponto de partida para a pesquisa dos termos mais apropriados para a representação temática do conteúdo. Veja-se a seguir duas exemplificações de partituras indexadas por meio de cabeçalhos de assunto, cujos elementos conceituais foram apresentados na proposta de análise documentária apresentada neste trabalho:

KREUTZER, Rodolphe (1766-1831). **Fourty-two studies or Caprices for the violin**. Edição e revisão por Edmund Singer. New York: G. Schirmer, Inc., 1923. 1 partitura (69 p.). Violino. (Schirmer's Library of Musical Classics , 230).

Análise temática e descritiva:

Título original:	<i>Forty-Two Studies or Caprices for the Violin</i>
Tradução em língua portuguesa:	42 estudos ou caprichos para violino
Autoria:	Rodolpe Kreutzer (1766 - 831)
Data de composição da obra:	1796
Traços biográficos do autor:	Violinista, compositor e professor francês
Editora:	G. Schirmers, Inc.
Imprensa:	New York: G.Schirmer, Inc., 1923
Edição e dedilhado:	Edmund Singer
Coleção / Série:	(Schimer's Library of Musical Classics , Vol.230)
Período:	Romantismo, Séc. XVIII
Gênero:	Instrumental
Natureza da obra:	Técnica instrumental, didática
Características:	Estudos musicais que refletem as características da escola francesa do violino no Séc.XVIII. Técnicas para mão esquerda e direita.
Formato da partitura:	Partitura individual

Sugestão de assuntos

Kreutzer 42 estudos ou caprichos para violino

Música instrumental – Cordas friccionadas - Violino (solo)

Musica para violino – Instrução e estudo

Violino – Estudos e exercícios

Partes de instrumento – Violino (técnica) – Partitura individual

Violino - Escola francesa - Séc. XVIII

Romantismo – Séc. XVIII

BACH, Johann Sebastian (1685-1750). **Magnificat in D BWV 243 (vocal score)**.

Alemanha: Barenreiter, [1995]. 1 partitura. (165 p.). SATB, coro e orquestra de câmara.

Análise temática e descritiva:

Título original:	<i>Magnificat In D BWV 243 (vocal Score)</i>
Tradução em língua portuguesa:	Magnificai
Autoria:	Johann Sebastian Bach (1685-1750)
Data de composição da obra:	1723
Traços biográficos do autor:	Compositor e organista alemão, o 24º na genealogia da família Bach, responsável pelo alicerce de toda estrutura musical ocidental
Editora:	Barenreiter
Série / Coleção:	Barenreiter Urtext Edition
Editor:	Eduard Muller
Imprensa:	Kassel, Alemanha: Barenreiter, [19 -]
Tonalidade principal:	D Major (Ré maior)
Catálogo temático	BWV 243 (Música Vocal - Coral)
Período:	Barroco tardio, Séc. XVIII
Gênero:	Vocal - Música Sacra - Cânticos - Magnificat
Texto bíblico musicado:	Lucas 1: 46-55
Natureza da obra:	Liturgia Católica Romana - Cântico à Maria - Música vocal, Música Sacra, Música Coral
Características:	Figuras retórico-musicais, contraponto, catabasis (movimento melódico descendente), anaphoras (repetição geral), <i>Inventio</i> , <i>Dispositio</i> , Baixo contínuo.
Formato da partitura:	Redução para piano e voz. Arranjo para SATB com acompanhamento ao piano.

Sugestão de Assuntos

Música vocal – Música Sacra - Solo (SATB) e coro

Música vocal - Música Sacra - Cânticos – Magnificat - Séc. XVIII – Barroco tardio

Música orquestral - Madeiras, Metais, Percussão e Cordas

Partituras - Redução para piano e voz - Arranjo para SATB

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As peculiaridades da música tornam-na uma ciência fascinante, à medida que se descobre como sua representação é complexa ao insistir sua inserção na formalidade de códigos biblioteconômicos. O paralelo aqui é evidente: ambas as ciências utilizam de sistemas e códigos como sustentação teórica de suas funções. Contudo, os sistemas e símbolos musicais fogem do tratamento da informação bibliográfica tão arraigada à rotina bibliotecária.

Além dessa questão, tem-se a problemática na procura de determinada obra musical, merecendo mais atenção para o usuário especializado de modo a deixar o cuidado do acervo da mera informalidade para o tratamento temático adequado de mesma importância e seriedade com que as demais obras bibliográficas de uma unidade de informação são tratadas. Nesta perspectiva, o tratamento temático-documental, particularmente na análise de assunto e indexação, só poderá ocorrer ao considerarmos os elementos mais significativos da composição e da análise estrutural da música grafada a fim de designar as noções do fenômeno sonoro.

A adoção de elementos da literatura musical permite o desdobramento de outras facetas sejam elas sociais, estéticas, sociológicas ou de reflexão histórica. Dessa maneira fica claro que a representação da informação musical deve-se ao caráter informativo que a obra pode oferecer, não se limitando a um único caminho para análise configurando-se a necessidade de apreensão dos elementos básicos da musicologia pelo profissional da informação para fins de representação conceitual.

REFERÊNCIAS

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Tradução de Maria Resende Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1986(b). 79 p. (Cadernos de música da Universidade de Cambridge).

_____. **Forma e estrutura na música**. Tradução de Luiz Carlos Csëko, revisão técnica, Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Zahar, 1986(a). 79 p. (Cadernos de música da Universidade de Cambridge).

CANDÉ, Roland de. **História universal da música**. Tradução de Eduardo Brandão, revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 2 v.

CARDOSO, Ivanise Vitale. Vocabulário controlado para indexação de partituras de música brasileira: proposta de uma estrutura básica. **Transinformação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 81-96, set./dez. 1996.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2. ed. rev. 2002. São Paulo: FEBAB, 2004.

COTTA, André Henrique Guerra. Música. In: CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998, p.153-171.

_____. **O tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros**. 2000, 293 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Biblioteconomia, Belo Horizonte, 2000.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES; Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília: Thesaurus, 2007. 116 p.

DOWNIE, J. Stephen. Music information retrieval (Chapter 7). **Annual Review of Information Science and Technology**, v.37, p. 295-340, 2003.

FARIA, Maurício Marques de. O tratamento documental dos arquivos musicais e a busca de práticas comuns no tratamento da música brasileira para orquestra. **Opus**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 85-90, jun. 2009. Disponível em: <
<http://www.anppom.com.br/opus/opus15/105/105-Faria.htm>>. Acesso em 15 fev. 2010.

FIGUEIREDO, Guilherme. **Miniatura da história da música**. Rio de Janeiro: CEB, 1942. 240p.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul. 2003. Disponível em: <
<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=9>>. Acesso em: 04 abr. 2010.

MARTINEZ, José Luiz. Ciência, significação e metalinguagem: Le Sacre du printemps. **Opus**, Campinas, v.9, p.87-102, dez. 2003. Disponível em: <
<http://www.anppom.com.br/opus/opus9/opus9-7.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2010.

MASSIN, Jean; MASSIN, Brigitte. **História da música ocidental**. Tradução de Maria Teresa Costa, Carlos Sussekind, Angela Ramalho Viana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 1255p.

MATOS, Alexandra Linda Herbst. **Documentação musical**: discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2007. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-05072009-190855/>>. Acesso em 10 mar. 2010.

MCGARRY, K. J. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206 p.

MONTEIRO, Francisco. Interpretação musical: princípios semiológicos para compreensão da obra musical enquanto objecto de interpretação. **Revista Música, Psicologia e Educação**, Portugal, n. 1, p. 45-60, 1999. Disponível em <
<http://paisagemusical.wordpress.com/2010/04/27/interpretacao-musical-principios-semiologicos-para-a-compreensao-da-obra-musical-enquanto-objeto-de-compreensao-e-interpretacao/>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 187 p.

- PAZIN, Rosina Alice Albina Prueter. **Indexação de multimeios**. 2. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 1993. 50 p.
- PEROTA, Maria Luzia Loures Rocha. **Multimeios: seleção, aquisição, processamento, armazenagem, empréstimo**. 4. ed. Vitória (ES): EDUFES, 1997. 183 p.
- RECINE, Analucia V. Santos; MACAMBYRA, Marina. **Manual de catalogação de partituras da Biblioteca da ECA**. 2. ed. São Paulo: ECA/USP, 2007. 46 p.
- SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música: edição concisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 1048p.
- ROSEN, Charles. **Formas de sonata**. Barcelona: Editorial Labor, 1987. 376p.
- SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música: edição concisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 1048p.
- SMIRAGLIA, R.P. Musical works as information retrieval entities: epistemological perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON MUSIC INFORMATION RETRIEVAL, 2., Indiana, USA, 2001. **Proceedings...** Disponível em <<http://ismir2001.ismir.net/pdf/smiraglia.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2010.
- STREHL, Leticia. Avaliação da consistência da indexação realizada em uma biblioteca universitária de artes. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 3, p. 329-335, set./dez. 1998. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/316>>. Acesso em: 15 fev. 2010.
- SVENONIUS, Elanie. Access to non-book material: the limits of subject indexing for visual and neural languages. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, NY, USA, v. 45, n. 8, p. 600-606, set. 1994. Disponível em: <http://polaris.gseis.ucla.edu/gleazer/462_readings/Svenonius_1994.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2010.
- WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2009. 283 p.
- ZAMACOIS, Joaquín. **Curso de formas musicales**. 10. ed. Barcelona: Labor, 1997. 275 p.
- ZAMPRONHA, Edson. **Notação, representação e composição: um novo paradigma da escritura musical**. São Paulo: Fapesp, 2000. 298 p.

Hugo Carlos Cavalcanti

Concluinte de graduação em Biblioteconomia pela UFPE.
hugoc.cavalcanti@gmail.com

Maria Auxiliadora Carvalho

Professora Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciência da Informação (Convênio IBICT/ UFRJ). mdoracarvalho@gmail.com

Recebido em: 24/07/2010

Aceito para publicação em: jul/2010